

Aspectos formadores da cultura jornalística no Oeste de Santa Catarina

*Jorge Pereira**

Resumo

Este artigo enfoca a região oeste de Santa Catarina, através da análise de periódicos impressos, no período de 1940 a 2010, envolvendo jornais extintos e em circulação, objetos de estudo de três monografias de graduação interessadas em perceber características da mídia regional. Transparecem nas monografias questões como as relações distorcidas entre imprensa e Poder Público, as carências na formação profissional, as transformações da linguagem e as posições preconceituosas dos jornais contra segmentos marginalizados. Considera-se a possibilidade de a convergência midiática e a popularização das modernas tecnologias oferecerem uma nova oportunidade aos periódicos do interior (na medida em que estes criam versões *online*), de inverterem a tendência de reprodução atrasada da imprensa do centro do país, devolvendo robustez à tese de que a força do jornalismo do interior está na proximidade com o seu público e respectivos assuntos de interesse.

Palavras-chave: Jornalismo. Cultura. Interior. Convergência. Proximidade.

Introdução

Compreender a cultura jornalística que vem se formando no oeste de Santa Catarina nos remete a observar experiências do nascedouro da imprensa local/regional, na relação com produções jornalísticas atuais e com perspectivas destas num cenário de novas tecnologias em que o impresso tende a assumir a forma digital. Trata-se de um movimento no tempo, voltado a perceber os nexos existentes entre discurso, práticas e conteúdos publicados.

O estudo cumpre o papel de apresentar a história parcial do jornalismo na região, vinculado ao contexto histórico-social, relação que revela a proximidade dos campos de conhecimento do Jornalismo e da História. Os jornais antigos e atuais, como documentos analisados, registram abordagens da imprensa a respeito de assuntos relevantes de determinadas épocas, sendo em si uma revelação de como a atividade jornalística se situou e se transformou e, de modo simultâneo, um sinal dos fatos e valores que foram marcando a sociedade na qual se insere.

Os jornais, através de suas publicações, são vestígios da sua própria história e da história social que o cerca. Como vestígios, não se constituem em verdade absoluta, na medida em que os respectivos conteúdos carregam sempre as aspirações e visões de mundo de seus autores. A atitude adequada do(a) pesquisador(a) é a de fazer as perguntas que levam os documentos a falarem, respostas estas que geram as interpretações a serem oferecidas.

A cultura jornalística aqui analisada, no âmbito do oeste catarinense, precisa ser refletida nos marcos que orientam os estudos a respeito do jornalismo do interior. A imprensa realizada longe dos grandes centros urbanos adquire traços comuns e solicita análise capaz de perceber suas limitações, potenciais e desafios. A partir da constatação das semelhanças das realidades interioranas, pensa-se a cultura jornalística de Chapecó e região, num primeiro momento, dentro dos mesmos critérios que de outras regiões brasileiras do interior.

Assim, é importante assinalar que o Brasil se caracteriza pela

diversidade de expressões culturais, constituídas a partir de suas diferentes origens e pelos encontros, harmônicos ou conflituosos, que estabeleceram entre si ao longo do tempo. As suas formas são assumidas nos costumes, nas crenças, nas condições sociais ou na linguagem.

No campo da linguagem, temos a comunicação e nela identificamos o segmento do jornalismo, cujos preceitos lhe atribuem valores universais voltados à divulgação de informações de relevância pública. O presente artigo observa práticas jornalísticas da região oeste de Santa Catarina, interessado em perceber o modo como essas se manifestam em épocas distintas. O objeto de estudo são os jornais impressos, por compreendê-los como o suporte midiático adequado para ver questões separadas por décadas. Apresentam-se, ainda, dados rápidos sobre as primeiras experiências de jornais atuais de adotarem a versão *online*.

As perguntas principais do estudo buscam saber se as situações jornalísticas observadas nos permitem falar de uma cultura jornalística do interior, mais especificamente do oeste catarinense. Quais poderiam ser considerados seus elementos constitutivos? A metodologia escolhida nos levou a eleger três monografias de conclusão de curso de graduação em Jornalismo, sob nossa orientação, que se ativeram ao conteúdo e a determinados processos que jornais da região adotaram.

A primeira pesquisa denomina-se “A memória da linguagem jornalística, suas características e transformações, nos jornais A Voz de Chapecó, O Imparcial e Folha D’Oeste¹, de 1940 a 1970”, da acadêmica Aline Lemes (2009). A segunda é “A condição do mendigo na sociedade chapecoense, segundo a linha editorial do jornal Folha D’Oeste”, da acadêmica Ana Paula Eckert (2008). A terceira recebeu o título de “Jornais e prefeituras no município de Palmitos: fatores políticos e econômicos na definição do conteúdo jornalístico”, da acadêmica Eliane Taffarel (2009). Foram monografias desenvolvidas na Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). Complementa o objeto de estudo a avaliação da editora-chefe de cada um dos três jornais diários de Chapecó em circulação: a) *Voz do Oeste*;

b) *Diário do Iguaçu*; c) *Sul Brasil*. E ainda a do editor administrativo do semanário *O Arauto*. Eles se referem as suas experiências iniciais no jornalismo *online*².

Além da Introdução, o texto desse artigo faz uma descrição sintética de cada monografia analisada, destacando sua lógica geral e os aspectos de maior interesse. Na sequência, assinala as impressões sobre jornalismo *online* provindas dos editores dos jornais impressos consultados. Define pontos em torno dos quais são desenvolvidas discussões teóricas e análises, referenciando-se em autores. Por último, apresenta as conclusões do estudo, preocupadas em discutir perspectivas para os jornais locais.

Os jornais nas monografias

O Trabalho de Conclusão de Curso de Aline Lemes observou ser comum encontrar nos jornais posições político-partidárias e ideológicas assumidas. Questões relacionadas à infraestrutura, ordem e progresso tinham prioridade. *A Voz de Chapecó*, criada pelo Coronel Ernesto Bertaso e vinculada ao Partido Socialista Democrata (PSD), destacou, num espécie de editorial, na capa, da primeira edição, em 03 de maio de 1939, que os valores da justiça e do progresso eram o motivo dos fundadores para fazer circular o jornal. E *O Imparcial*, lançado pelas famílias Pasqualotto, Bellani e Cansian, em 25 de fevereiro de 1951, colocou suas páginas à disposição dos que quisessem colaborar para o império da ordem e do progresso. Criticava o PSD e dava respaldo político à União Democrática Nacional (UDN) e ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

O estudo verificou ainda que os conceitos relacionados à linguagem e à estrutura dos textos jornalísticos de hoje não correspondem ao das décadas de 40, 50 e 60. Características como o *lead*, pirâmide invertida, estilos dos textos (informativo, interpretativo, opinativo...) não se constituíam em referências. A partir de 1970, a prática jornalística passa a se delinear e a se aproximar dos princípios modernos do jornalismo. O jornal *Folha D'Oeste*, inaugurado em 1964 e em circulação até 1980, foi adotando textos que assumiram aos poucos

um tom informativo. Recursos visuais, como fotografias e charges também são introduzidos e contribuem para o processo de recepção das mensagens.

A pesquisa de Ana Paula Eckert analisou a linha editorial do jornal *Folha D'Oeste*, no período de 1966-1968, expressa nos artigos de Tutée - mendigo supostamente autor dos textos - e também em outras matérias assinadas e não assinadas, que apresentam soluções para o problema da mendicância em Chapecó. Os artigos “escritos” por Tutée caracterizam a figura do mendigo como um mal para a sociedade chapecoense da época e sugerem formas de como extirpá-lo. A propaganda de que a cidade era um lugar de grandes oportunidades, atraiu muitas pessoas e, dessa forma, surgiu a figura do mendigo, mal vista por grupos influentes e pela imprensa.

O jornal *Folha D'Oeste* publicou matérias em repúdio aos mendigos classificando-os de inválidos e de praga social. Defendeu que o país deve impor uma formação ideológica ao povo para construir um “ideal” de homem e de sociedade, enquadrados moral e espiritualmente no mesmo padrão, como forma de evitar conflitos que representem um perigo ao desenvolvimento da nação. O ideal de homem da sociedade chapecoense estava representado na imagem dos “desbravadores do oeste”.

A monografia de Eliane Taffarel analisa como as relações político-econômicas interferem no conteúdo jornalístico. O objeto de estudo é constituído pelos jornais semanais, atualmente em circulação, *Correio do Oeste* e *Expresso d'Oeste*, do município de Palmitos/SC.

A acadêmica observou a quantidade de publicações legais da Prefeitura de Palmitos nas páginas dos dois semanários. Os jornais recebem fatia maior de publicações legais quando o partido que apoiam se encontra no poder. Assim, no primeiro e no segundo períodos, o *Expresso* detinha a maior parte das publicações legais e era o jornal que mais publicava notícias favoráveis à prefeitura. O *Correio* contava com parte dos anúncios oficiais e publicava algumas matérias positivas, relacionadas às realizações do Executivo. No último período, o *Expresso* não recebe publicação legal e não publica fatos que possam contribuir para uma imagem positiva

da administração municipal junto ao público. O Correio deteve nos primeiros meses de 2009 todos os anúncios oficiais e publicou somente notícias favoráveis.

Ficou constatado, ainda, que os jornais *Correio do Oeste* e *Expresso d'Oeste* seguidamente não apuram as matérias ou deixam de checar as informações recebidas. Divulgaram em 2007 e 2008 diversas matérias praticamente iguais, com poucas alterações de releases da prefeitura.

Os impressos na versão online

Para a compreensão da cultura jornalística regional, precisamos considerar um fator novo com o qual os jornais impressos de Chapecó se deparam hoje: o jornalismo *online*. As jornalistas editoras dos três jornais diários da cidade e o diretor de um semanário passaram a se responsabilizar também por uma versão digital destes periódicos. A jornalista Keli Magri coordena a redação do *Voz do Oeste*. A jornalista Lisiane Kerbes é a responsável no *Diário do Iguaçu*. A jornalista Juliana Schneider responde pela redação do *Sul Brasil* e o estudante de jornalismo Tiago Oliveira se encontra à frente do semanário *O Arauto*.

A versão *online* do *Voz do Oeste* tem sido utilizada para divulgar a capa do dia da versão impressa. A partir das manchetes, o leitor acessa uma pequena síntese das notícias, contendo um parágrafo curto, no máximo dois. Espera-se que ele busque o complemento das informações na versão impressa. A editora Keli Magri afirma que ainda não são nítidas as perspectivas do jornal no novo suporte. Há necessidade de estudar mais a linguagem e não existe controle dos acessos, porém, as duas versões já apresentam matérias diferentes. O número de profissionais é pequeno para atender à demanda. A intenção é formar, com o tempo, equipe para cada uma das versões. O *Voz do Oeste* aposta que os públicos são diferentes.

A situação é semelhante no *Diário do Iguaçu*, no qual a versão na *web*, com acesso irrestrito, faz a apresentação do impresso. Antes, mostrava um resumo. A editora-chefe, Lisiane Kerbes, afirma que há leitor que não abre mão do impresso, porém a interatividade já acontece mais no formato novo, e percebe o jovem interagindo

mais pela rede. O *Diário do Iguaçu* elabora um projeto de portal que apresentará todas as matérias do impresso e outras diferenciadas, com atualização constante. Irá inserir também matérias não locais, abrindo para *links*. Na avaliação de Lisiane, os jornais impressos devem permanecer viáveis por mais 10 anos, depois tendem a dar lugar ao formato na rede, mas assinala que existe muita especulação nesse campo hoje.

O *Jornal Sul Brasil* publica na versão *online* principalmente as matérias produzidas na própria redação e disponibiliza em PDF a edição completa do impresso. Nunca criou restrição para o acesso. Entende que a web não afasta o leitor do impresso, uma vez que o número de assinaturas tem aumentado. Para a editora-chefe Juliana Schneider talvez não exista ainda em Chapecó o costume de acompanhar a notícia local na *web*. Por enquanto, são poucos os comentários interativos do público e ela não sabe prever se a leitura na tela vai se ampliar. Percebe que o jornal na mão faz diferença. Espera que esteja surgindo leitores e negócios na rede. A estrutura adequada implicaria numa equipe apenas para o *online*, requer investimentos, a editora afirma que o jornal se encontra longe disso.

O jornal *O Arauto* possui um diário na rede e o semanal impresso (também disponibilizado no site). Num primeiro momento, a intenção foi popularizar o impresso. A compreensão é de que o *online* não concorre com as assinaturas do impresso, porque o perfil do público não é o mesmo. O impresso representa a entrada de recursos e se constitui na espinha dorsal do negócio. O diretor executivo, Tiago Oliveira, pretende popularizar o digital e viabilizá-lo financeiramente. Aposta num novo público leitor para notícias locais. Prevê que o jornal digital vai se afirmar rapidamente e o impresso desaparecer num prazo de 30 anos, porém, considera a superação da superficialidade um desafio para o jornalismo na internet. Não sabe se o povo está interessado em sustentar o seu jornal e diz se deparar com empresários anunciantes mais preocupados em defender a bandeira partidária (calar a boca de adversários políticos) do que em vender o seu produto.

Indicativos do jornalismo constituído

A partir das três monografias analisadas e das entrevistas com os editores e diretor de jornais, podemos apontar elementos que participam da constituição de uma cultura jornalística do oeste catarinense. O número de publicações consultadas não é extenso, mas o suficiente para indicar o modo de se fazer jornalismo na região, tendo em vista a representatividade de Chapecó, na condição de município polo.

Percebe-se com nitidez que os jornais pesquisados surgem nas décadas de 1940 a 1960, fundamentalmente por razões políticas. Os responsáveis pelas publicações são pessoas e grupos, com destaque social e poder de influência, interessados em defender determinadas posições e ideologias. Normalmente tais posições implicavam também num envolvimento partidário direto, na condição de dirigentes ou de candidatos. Figuras proeminentes, consideradas caciques políticos, tinham o controle ou enorme influência sobre o conteúdo publicado, definindo a própria linha editorial dos jornais.

Os primeiros jornais de Chapecó são marcados pelas relações com o Poder Público, no apoio explícito ao prefeito e a deputados de determinada sigla ou para combatê-los, comprometidos, então, com outra força política. Entendia-se como natural que os detentores de poderes políticos e econômicos dispusessem de um meio de comunicação para manifestar os seus pensamentos. “Matérias jornalísticas favoráveis a algumas correntes políticas, principalmente daquelas que estejam no exercício do poder, é algo trivial em jornais de cidades do interior” (PERUZZO, 2006). As informações e opiniões submetiam-se aos critérios dessa lógica consagrada. A disputa entre os jornais *A Voz de Chapecó* e *O Imparcial* pode ser considerada o exemplo mais bem acabado do papel destinado à imprensa.

Nesse nascedouro do jornalismo local, verificavam-se com frequência campanhas dos impressos por certos projetos e causas. Não havia muitas diferenças entre os jornais, quanto aos argumentos e objetivos das propostas, mesmo em jornais concorrentes politicamente como o *A Voz de Chapecó* e *O Imparcial*. As campanhas consistiam, em

diversas oportunidades, de reivindicações ao Poder Público por melhorias que viessem a fomentar o desenvolvimento econômico da cidade e da região. Prevalencia o discurso da ordem e do progresso e a busca de estabelecer valores morais para os comportamentos sociais. A solicitação de estradas e a luta contra a mendicância, por exemplo, se deram exatamente nos termos mencionados.

Para entender a formação dos jornais locais, é preciso levar em conta o contexto histórico. Na origem, eles foram implantados por representantes das forças culturais, econômicas e políticas que conseguiram prevalecer nos conflitos pelas terras da região e determinar um modelo de desenvolvimento sustentado na eficiência do trabalho. Os chamados “desbravadores”, descendentes de italianos e de alemães, oriundos do Rio Grande do Sul, se impuseram diante dos índios e caboclos que viviam na região, tendo sido, em primeiro lugar, uma vitória étnica.

A idéia de pioneirismo está acoplada à de conquistador, aquele que venceu a natureza inóspita e com seu trabalho plantou o progresso, que só pode ser associado aos de origem, como uma de suas virtudes étnicas. (RENK, 2004, p. 33).

As páginas dos jornais foram demarcadas por essas questões de fundo, com a distinção de classes sociais. Faziam a representação dos vencedores e vencidos. Assim, havia os membros da cultura dominante, donos do saber, disputando entre si o poder, e os incultos, sobrevivendo na marginalidade social.

O valor do trabalho é fundamental para se compreender a sociedade regional de ontem e de hoje. O oeste catarinense transpira o sentido do trabalho, na concepção estabelecida pelos desbravadores a partir dos seus modos de produção, voltados inicialmente à exploração da madeira e à agricultura. “No Brasil, o trabalho do colono foi tomado como sinônimo de liberdade e também símbolo do progresso e do pioneirismo” (RENK, 2004, p. 31-32). Vem daí o conceito de progresso, de relação com o meio ambiente e de adoção de tecnologias. O caboclo e o índio aparecem como aqueles que

possuem pouco apreço pelo trabalho ou não habilitados a exercê-lo.

“A filosofia de vida do caboclo contrasta com a filosofia capitalista” (BAVARESCO, 2005, p. 219). As formas de produção que tradicionalmente desenvolveram não são reconhecidas como trabalho na plenitude do termo, são consideradas atividades atrasadas, ineficientes e próprias dos sem-cultura.

A religiosidade se constitui noutro elemento relevante para se saber como a cultura jornalística foi se instalando inicialmente na imprensa regional, uma vez que as matérias publicadas se ancoravam muitas vezes na moral religiosa para expressar os seus conceitos de certo e errado sobre fatos sociais. As religiões hegemônicas, cultuadas pelos descendentes de italianos e alemães eram, respectivamente, a Católica Apostólica Romana e a Evangélica de Confissão Luterana. Os índios, mas principalmente os caboclos, tinham também na religião a força para a resistência.

A Guerra do Contestado, uma luta dos caboclos pela terra, entre outubro de 1912 e agosto de 1916, teve na fé aos monges populares, José Maria e João Maria, a referência e a orientação para o enfrentamento de batalhas sangrentas. Essa cultura dos vencidos, seja no campo da religião ou do trabalho, não desapareceu e continuou disputando espaços ao longo do tempo. “Por causa desta diversidade de interesses e valores, as histórias da região é perpassada por conflitos e tensões” (MARCON, 2003, p. 67). São relações históricas de conflito, mas de inesperada harmonia em algumas situações, que vão moldando a realidade local e dando forma às páginas dos jornais.

A tecnologia incorporada aos meios de produção desempenhou função decisiva para a reafirmação da ideologia dominante. Os parâmetros de organização e de eficiência no trabalho foram dados pelas máquinas que aprimoraram o corte e o beneficiamento da madeira e o plantio da terra. Dominar e propor a aplicação dos novos conhecimentos tecnológicos significava acentuar a preponderância cultural, refletida na divisão das classes sociais.

Os avanços tecnológicos se estenderam a outros setores, chegando também à imprensa. Os jornais modernizaram seus equipamentos (impressoras, máquinas fotográficas, máquinas datilográficas, papel),

fazendo uso de novos recursos visuais e de produção de textos. Contrataram os primeiros profissionais, adotaram a publicidade comercial e passaram a se organizar como empresa.

A tradição política dos jornais pesquisados começa a conviver com a sua nova vocação para ser uma empresa de negócios, voltada ao lucro. Foi quase natural a interpenetração de uma noutra, vindo a se estabelecer na região a conhecida fórmula de os impressos darem sustentação a partidos no poder municipal em troca das verbas publicitárias, especialmente na forma de publicações legais. Os jornais *Correio do Oeste* e *Expresso d'Oeste*, do município de Palmitos, em circulação atualmente, condizem com o perfil que intercruza política e negócios, numa série de consequências prejudiciais às práticas jornalísticas.

Apesar dos vínculos evidentes, às vezes dissimulados, houve certo distanciamento de jornais e prefeituras, se consideradas as relações anteriores, porque a atuação dos meios de comunicação como empresas requer uma organização específica. Houve necessidade de tratar dos anúncios publicitários junto ao setor privado, das assinaturas aos leitores e uma ampliação das pautas das matérias dirigidas ao público. Aos poucos, ocorreu a contratação de funcionários para atuarem exclusivamente como repórteres, num princípio de profissionalização.

Pode-se dizer que o sentido profissional se transforma de fato em elemento constitutivo da cultura jornalística regional num período mais recente, com a implantação do primeiro curso superior de Jornalismo, na cidade de Chapecó, em 1998. A presença desses profissionais já se verificava em períodos anteriores, oriundos de cursos do Rio Grande do Sul ou da capital catarinense e até mesmo de contingentes não formados que desenvolveram mais consciência sobre a atividade.

A partir de 2002, com a diplomação das primeiras turmas, é que realmente o mercado de Chapecó e região passou a receber anualmente um número significativo de jornalistas com formação específica.

É tempo de reconhecer que a preparação dos futuros profissionais do campo jornalístico passa por uma formação universitária que privilegia uma formação sólida nas ciências sociais e humanas, incluindo as ciências da comunicação e não aprendizagem técnica” (TRAQUINA, 2001, p. 46-47).

Hoje, a grande maioria dos profissionais que atuam na imprensa de Chapecó passou por cursos superiores.

São componentes novos que começam a interagir com a cultura jornalística formada ao longo do tempo. Entre os reflexos, cresce a organização sindical dos jornalistas que reivindica mudanças nas precárias condições salariais e de trabalho. Aumenta o número de jornalistas em assessorias de imprensa de setores públicos e privados. Parte deles estrutura o seu próprio negócio ao lançar revistas temáticas e ao montar agências de comunicação. O jornal impresso próprio é raro. O curso de jornalismo e os meios de comunicação entram em conflitos a respeito da adequada formação, na tradicional discussão teoria X prática. O número crescente de profissionais formados nas redações dos jornais eliminou significativamente o reducionismo desse debate.

Nas novas condições, velhos problemas assumem outras roupagens. As assessorias em setores públicos e privados, assim como as agências de comunicação, acentuaram muito a cultura do *release*, pela qual os jornais passam a reproduzir em vez de produzir mais informações apuradas. Como os assessores estão a serviço, via de regra, do Poder Público e de grandes empresas, reedita-se o papel dos jornais de publicarem as notícias de interesse das administrações municipais e dos detentores do poder econômico local. Justifica-se, de certa forma, o não-investimento nos profissionais e na estrutura das redações. Vemos, ainda, que as revistas temáticas pouco acrescentaram em termos de jornalismo investigativo, preferindo um jornalismo de amenidades.

Dentro do que produziram diretamente, porém, as redações apresentaram progressivamente, em muitos casos, avanços na qualidade do texto, na diversificação da pauta e na postura ética em

relação às fontes. A mediação das assessorias tornou mais profissional a relação dos jornalistas com as autoridades. Todas essas situações, com suas coerências e contradições, acontecem simultaneamente.

A rigor, a cultura jornalística regional não superou os seus entraves para a consecução dos princípios do jornalismo, e se vê colocada diante de mais um desafio e, ao mesmo tempo, mais uma oportunidade. Referimo-nos às primeiras experiências *online* dos jornais impressos. Como vimos, as editoras dos jornais *Diário do Iguçu*, *Voz do Oeste*, *Sul Brasil* e o diretor de *O Arauto* têm perspectivas de que estejam descobrindo um novo leitor, integrante da geração digital. As ferramentas abrem novas perspectivas.

Essas mudanças colocam recursos para o ativismo e a crítica social nas mãos de cidadãos comuns, recursos que já foram de domínio exclusivo dos candidatos, dos partidos e dos meios de comunicação de massa. (JENKINS, 2009, p. 368).

De forma ainda muito tímida, os editores locais esperam que os incrementos tecnológicos, encaminhando-se para a convergência midiática em que o texto do velho impresso se combina com a imagem, o som e a instantaneidade, se transformem em bons negócios para as respectivas empresas.

Existe a possibilidade de que o conjunto de elementos, antigos e recentes, que constituem o jornalismo local, possam se articular em um novo momento de sua própria cultura. O contínuo desenvolvimento das tecnologias midiáticas solicita e viabiliza outros parâmetros jornalísticos, insere, certamente, pontos de tensão.

O principal deles é a relação do meio e do jornalista com o público, numa tendência a ser de interatividade mais acentuada e de uma necessária transparência na revelação dos fatos. Os jornais passam a desempenhar “a função de mediadores e o jornalista, individualmente, de representante do leitor, telespectador e ouvinte, como indivíduos, consumidores e cidadãos” (GENTILLI, 2005, p. 142). Vai requerer uma reavaliação das relações que historicamente foram estabelecidas com o leitor. Porém, cabe a pergunta: temos

mesmo um novo leitor? “O público é um dos agentes do jornalismo, como o são o editor, o técnico e o jornalista” (BELTRÃO, 2008, p. 111).

Como elemento constitutivo ainda da cultura jornalística do interior, no oeste catarinense, identificamos os assuntos locais como eixo das publicações. Embora pareça óbvio, é importante que se assinala como marca diferenciadora do jornalismo realizado nos grandes centros. “O local está cada vez mais perpassado pelo não local” (ALMEIDA apud DOWBOR et al, 1997, p. 186). Mas os assuntos da comunidade não são eventuais e apresentados somente em situações pitorescas ou trágicas, isso permite discuti-los seriamente a respeito da representação que fazem da realidade social.

Mesmo com imperfeições e até distorções, as notícias e reportagens tomam a vida local como centro e até as críticas aos seus conteúdos se revestem de mais sentido e produzem mais consequências. “O local, embora esteja inserido no processo de globalização, ou seja, vive nele e está sujeito a ele, busca se fortalecer tendo por base as singularidades locais.” (PERUZZO, 2006, p. 145). A proximidade possibilita o detalhamento das questões, revelando a riqueza do cotidiano, na contramão disso, tem propiciado aos donos do poder político e econômico um forte controle sobre as informações. A transformação da cultura jornalística local se depara com a enorme dificuldade de desatar o nó dessa dependência econômica imposta aos meios e, por extensão, ao trabalho jornalístico.

A complexidade crescente da sociedade contemporânea, de visibilidades e aparências, é fator que torna mais difícil e relevante a atuação jornalística. Nessa realidade midiática, o indivíduo e a sociedade em geral, mais envolvidos e familiarizados com as tecnologias da informação/comunicação, tendem a exigir qualidade do jornalismo, por considerá-lo imprescindível. O jornalismo é desafiado a reafirmar sua validade e, nesse ambiente, cabe-lhe problematizar a realidade a partir dos fatos que relata.

Um elemento que se encontra no cerne da ideia de jornalismo é não apenas dar a notícia, mas também o que está por trás da notícia, é ver além do fato aparente, oferecer ao leitor as informações de segunda geração. O jornalista precisa se mostrar capaz de interpretar

os fenômenos sociais, descrevendo a realidade e suas estratégias discursivas.

Conclusão

Nosso estudo avaliou que a cultura jornalística no oeste catarinense surge com os primeiros jornais impressos e pode ser percebida num conjunto de características da estrutura, dos processos e dos conteúdos divulgados. Constatamos, nas monografias analisadas: a motivação política como fator decisivo para a implantação das publicações; a presença da elite econômica no comando dos jornais; a evolução da linguagem jornalística do subjetivo para o objetivo; o caráter empresarial crescente dos meios de comunicação e a dissimulação de suas ligações com os partidos e as administrações municipais; a dependência do jornalismo empresarial dos recursos públicos; a lenta profissionalização das redações, efetivando-se mais claramente com a implantação do primeiro curso de Jornalismo na região e a organização sindical dos jornalistas; o papel importante que a tecnologia da comunicação desempenhou na imprensa local, seja na estética, no conteúdo ou nos processos de trabalho.

Os desdobramentos da tecnologia não se restringem às inovações iniciais dos jornais, uma vez que as atuais possibilidades de convergência midiática se constituem num desafio capaz de impactar novamente a cultura jornalística regional. Os três impressos diários de Chapecó e o semanário, que começam a trilhar o mundo digital ao implementarem suas versões *online*, são levados a repensar suas práticas e a reobservar os princípios tradicionais do jornalismo.

Na dimensão conceitual, instituiu-se historicamente que o jornalismo se propõe a disponibilizar informações de relevância pública, comprometido com a busca da verdade, da democracia, da liberdade e da justiça social. Implica em ética, método e competência dos profissionais para narrar os fatos, além de independência dos meios de comunicação, especialmente em relação aos Poderes Públicos. Verifica-se que a atividade desenvolvida na região contrariou esses pressupostos em diversas situações ao longo do

tempo.

Vemos, porém, que a conceituação do campo jornalístico e respectivas práticas, incluindo suas distorções, são oriundas de um espaço exterior, pois se configuraram nas experiências da imprensa nas principais capitais do Brasil e em outros países. Nesses termos, não poderíamos dizer que o interior possui um modo próprio de fazer jornalismo. A cultura jornalística do oeste catarinense, não seria formada, então, pela evolução de suas características particulares, tudo se resumiria a uma reprodução atrasada do que aconteceu nos grandes centros urbanos.

No jornalismo do oeste catarinense, a proximidade serviu historicamente mais aos controles antidemocráticos do que ao princípio da participação das comunidades. A relação tempo-espaço proporcionada pelas novas tecnologias altera o caráter tradicional da proximidade, ao retirar a exclusividade de pressão sobre os meios de comunicação das mãos dos tradicionais donos do poder e estendê-la aos diversos segmentos sociais que formam o público. Em tese, seria uma opinião pública em condições de detalhar as questões locais também sob a perspectiva de informações que lhe chegam de longe, constituiria um redimensionamento do conceito de proximidade, uma vez que leva a ultrapassar o sentido meramente paroquial.

Trata-se de um local que se faz mais autêntico e diverso, ao compreender-se na relação com o global, numa nítida superação do isolamento. As novas tecnologias determinam uma aceleração das relações sociais, tendo reflexos positivos e negativos nas comunidades interioranas, pois, ao mesmo tempo em que há riscos de se distorcer valores culturais caros, criam-se condições para se ultrapassar controles elitistas arraigados. As experiências iniciais *online* dos jornais de Chapecó, mesmo que incipientes, lançam essa expectativa.

Teríamos, assim, uma cultura jornalística do interior revigorada e em movimento, capaz de reverter a tendência do interior de apenas reproduzir, de forma atrasada, os padrões jornalísticos das capitais. O interior, renovado a partir do autoconhecimento, pode oferecer novas práticas e conceituações jornalísticas, num momento em que a concentração internacional da mídia e seu dirigismo cultural colocam

em suspenso os fundamentos democráticos do jornalismo.

Um novo cenário para o jornalismo do interior depende muito dos jornalistas e do novo público. São os dois setores que podem fazer a diferença, por participarem do mundo da informação, mas sem o poder de defini-lo hoje na mesma proporção dos proprietários dos meios de comunicação, dos empresários (anunciantes) e do Poder Público. Jornalistas profissionais e público representam a novidade em potencial. Mas, se fossemos indicar apenas o mais decisivo, diríamos que é o público, na medida em que não se encontra sob uma situação direta de controle e porque teria, em tese, condições de inviabilizar os interesses econômicos e políticos dos setores dominantes.

Uma resposta satisfatória dos jornalistas, no contexto das monografias estudadas e nas primeiras experiências de redações *online*, está relacionada à formação profissional. Entre as suas competências, deveria constar um profundo conhecimento da história e da cultura local, assim como da mídia de sua cidade e região, principalmente a respeito da cobertura jornalística realizada ao longo do tempo. O jornalista precisa conhecer a cultura jornalística de que participa, compreender o estatuto da sua profissão e refletir sobre interesses e condições que teria para modificar as relações do jornalismo com a sociedade.

Os editores entrevistados apostam na formação de novos leitores, como um público mais adequado aos tempos da cibercultura. A popularização das modernas tecnologias deverá possibilitar o surgimento de um público diferenciado. Mas seria conveniente perguntar: que público novo as tecnologias estariam proporcionando? Emerge um leitor mais esclarecido, coprodutor do processo comunicacional?

Entre as necessidades de transformações do jornalismo, podemos acrescentar a seguinte, como questão central: como desatar o nó da dependência econômica dos jornais do interior em relação ao Poder Público e a um seletor setor privado? São essas relações as responsáveis principais pela falta de autonomia e do inquestionável sentido público do jornalismo. Novos parâmetros de sustentabilidade econômica

deveriam determinar o fim dos jornais de ocasião, dos currais políticos e do coronelismo da informação. É possível desvincular o interior da ideia de controles sociais antidemocráticos devido à proximidade geográfica dos agentes sociais envolvidos, situados no mesmo espaço territorial? Um dos pontos fundamentais, longe de ser o único, é a democratização das verbas públicas.

No fundo, a questão é mais ampla, pois o jornalismo não tem o poder de reinventar uma sociedade, sendo, no mais das vezes, um dos seus reflexos. Embora o ofício de informar possa determinar circunstâncias, seus contornos são definidos pela sociedade que o produz. O jornalismo não vale por si só, várias questões são interdependentes. Seria diferente, certamente, num ambiente em que a política fosse exercida com efetivo caráter público ou no qual os empresários (anunciantes) fizessem a distinção entre conteúdo jornalístico e publicidade. As transformações do jornalismo também implicam em mudanças na política, na economia e na cultura. Deveria haver espírito público em todos os setores, inclusive nos setores privados.

Os estudos de comunicação precisariam estar atentos aos novos desdobramentos e observar se o interior encontrará o atalho para a afirmação de sua cultura jornalística. Parece-nos que não seria qualquer realidade interiorana a se habilitar a esse percurso, na medida em que algumas condições deveriam ser cumpridas. Sair da situação de mero reprodutor da imprensa dos grandes centros requer competências para, em termos de informação, interligar o microrregional, o regional, o estadual, o nacional e o internacional.

Um polo regional como Chapecó, reuniria, teoricamente, as condições para reorientar e revigorar a cultura jornalística do interior, em razão de sua maior urbanização. Identifica-se a presença de organizações complexas, como universidades (particulares e públicas), setor empresarial forte (anunciantes), diversidade de meios de comunicação, curso de jornalismo, consolidação dos jornalistas formados nas redações, representações sindicais (inclusive de jornalistas), crescimento da tecnologia informacional na sociedade e a perspectiva de um novo público leitor. O município polo tende,

ao longo do tempo, a influenciar o comportamento dos demais municípios da região. Essa capacidade de ação e de irradiação é fundamental, mas todos dependem, nesse momento de convergência midiática, em que o velho e o novo se encontram, de como se apresentará o novo leitor, expressão da sociedade.

Notas

* Graduado em Comunicação Social - Jornalismo. Especialista em Educação Popular e Compreensão da Realidade Social. Especialista em Metodologia do Ensino Superior em Comunicação Social. Mestre em Comunicação Social. Doutor em Ciências da Comunicação.

¹ Os exemplares dos jornais antigos *A Voz de Chapecó*, *O Imparcial* e *Folha D'Oeste*, utilizados como fontes de pesquisa nas monografias das acadêmicas de Jornalismo Ana Paula Eckert e Aline Lemes, pertencem ao acervo do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina – CEOM, preservados sob cuidados especiais devido ao desgaste do material pela ação do tempo.

² As entrevistas com as editoras e o diretor dos jornais locais foram realizadas no mês de junho de 2011. Os profissionais não se encontram hoje necessariamente nas mesmas funções, nem os respectivos jornais com estrutura e circulação idênticas às da época. As possíveis alterações não trazem prejuízos ao estudo, uma vez que se preserva a validade do recorte para a abordagem do objeto e do problema do presente artigo.

Referências

ALMEIDA, Lúcio Flávio de. Entre o local e o global: poder e política na atual face de transnacionalização do capitalismo. In: DOWBOR et al (Org.). **Desafios da globalização**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BAVARESCO, Paulo Ricardo. **Ciclos econômicos regionais: modernização e empobrecimento no extremo oeste catarinense**. Chapecó, SC: Argos, 2005.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

ECKERT, Ana Paula; PEREIRA, Jorge Arlan de Oliveira. **A condição do mendigo na sociedade chapecoense, segundo a linha editorial do jornal Folha D'Oeste**. 2008. Monografia (Conclusão do curso de Comunicação Social) -- Universidade Comunitária Regional de Chapecó, 2008.

GENTILLI, Victor. **Democracia de massas: jornalismo e cidadania – estudo sobre as sociedades contemporâneas e o direito dos cidadãos à informação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LEMES, Aline; PEREIRA, Jorge Arlan de Oliveira. **A memória da linguagem jornalística, suas características e transformações nos jornais A Voz de Chapecó, O Imparcial e Folha D'Oeste, de 1948 a 1970**. 2009. Monografia (Conclusão do curso de Comunicação Social) – Universidade Comunitária Regional de Chapecó, 2009.

MARCON, Telmo. **Memória, História e Cultura**. Chapecó, SC: Argos, 2003.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária**. **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**, São Bernardo – SP: Unesp, 2006.

RENK, Arlene. **Narrativas da diferença**. Chapecó, SC: Argos, 2004.

TAFFAREL, Eliane; PEREIRA, Jorge Arlan de Oliveira. **Jornais e prefeitura no município de Palmitos: fatores políticos e econômicos na definição do conteúdo jornalístico**. 2009. Monografia (Conclusão do curso de Comunicação Social) – Universidade Comunitária Regional de Chapecó, 2009.

TRAQUINA, Néilson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2001.

Abstract

This article focuses on the west region in Santa Catarina through the analysis of printed periodicals from 1940 to 2010, involving out of print and current newspapers, objects of study of three undergraduate theses that address the analysis of characteristics of regional media. Issues such as distorted relations between press and public authority, shortage in the professional upbringing, language transformations and the prejudiced positions of papers against marginalized segments are recurrent in the theses. We consider the possibility of a media convergence and the popularization of modern technologies in the sense that they can offer a new opportunity to the inland periodicals (as far as these create online versions), to invert the tendency of late reproduction of the central press, adding strength to the thesis that the force of the inland journalism is in the proximity of its public and the issues of their interest.

Keywords: Journalism. Culture. Inland. Convergence. Proximity.